

An abstract painting of a face wearing a hat. The face is rendered in shades of green and yellow, with a prominent nose and a slight smile. The hat is a wide-brimmed hat, also in shades of green and yellow. The background is a mix of green, yellow, and red. The overall style is expressive and somewhat surreal.

R

REABILITAÇÃO PSICOSSÓCIAL E INCLUSÃO NA SAÚDE MENTAL

DA BIOLOGIA À ECONOMIA DA SAÚDE
DA INSERÇÃO À CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Manuel Viegas Abreu
João Pedro Leitão
Eduardo Ribeiro dos Santos
COORDENADORES

A I.^a EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTE ESPONTÂNEA EMOÇÕES E RAZÃO: CONTEXTO E OBJECTIVOS

A I.^a Exposição Nacional de Arte Espontânea surgiu da intenção de ilustrar e de complementar um dos quatro eixos temáticos do IIº Congresso de Reabilitação e Inclusão em Saúde Mental, que decorreu em Coimbra de 12 a 14 de Outubro de 2009. Um dos objectivos principais do Congresso consistiu em agregar contributos para um conhecimento mais profundo do *modelo conceptual bio-psico-social* da promoção da saúde mental. Propondo que sobre as doenças mentais incida uma visão integrada da complexidade dos seus factores e de condições etiológicas, sintomáticas e terapêuticas, os defensores do modelo bio-psico-social procuram que dele decorram aperfeiçoamentos de intervenção prática integrando modalidades terapêuticas de reabilitação psicossocial, de psico-educação e de inserção profissional de pessoas que se confrontam com problemas da saúde mental.

Diversos organismos internacionais influentes na definição das políticas de Saúde Mental têm vindo insistentemente a recomendar a adopção do modelo bio-psico-social, por ser mais abrangente e integrador do que o modelo bio-farmacológico que, em Portugal, tem sido até agora dominante na prática clínica, mais centrada nos cuidados hospitalares do que nos serviços de reabilitação psicossocial e nos cuidados baseados na comunidade.

¹ Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra; Membro da Academia das Ciências de Lisboa; Presidente da Direcção da Associação ReCriar Caminhos. E-mail: abreu@fpce.uc.pt

No seguimento de uma proposta feita, há alguns anos, por Sílvio Lima (1904-1993), Professor de Psicologia da UC, às três ‘dimensões’ referenciadas – a biológica, a psicológica e a social – deverá acrescentar-se uma quarta dimensão – *a dimensão axiológica* – respeitante aos valores e desvalores que subjazem a todas as actividades humanas e à sua avaliação. Valores e desvalores que estão na base da diferenciação evolutiva do homem relativamente aos restantes animais superiores por intermédio das grandes construções culturais da humanidade: a Ciência, a Política, a Religião e a Arte, centradas respectivamente nos valores da Verdade, do Justo, do Bem e do Belo. Importa mencionar, por outro lado, que a dimensão axiológica é transversal às três outras dimensões, incidindo o processo valorativo sobre cada um dos seus estados, actividades e produções.

Na perspectiva integradora do modelo bio-psico-socio-axiológico, o Congresso procurou promover a articulação dos quatro eixos temáticos: da Biologia (I), à Economia da Saúde II), e da Inserção no Trabalho (III) à Criação Artística (IV).

Foi no quadro deste último eixo – a *Criação Artística* – que se considerou fazer sentido lançar o desafio de organizar uma Exposição composta prioritariamente por obras de pintura e escultura de pessoas com problemas de saúde mental e que tivesse por tema orientador o persistente diálogo entre *Emoções e Razão* na criação da Arte.

Patente ao público no Convento de S. Francisco em Coimbra, de 12 a 31 de Outubro de 2009, e tendo como Curadora a Dr.^a Ana Alcoforado, Directora do Museu Nacional Machado de Castro, a *I.^a Exposição Nacional de Arte Espontânea* contou com a colaboração de 38 participantes que apresentaram 54 obras de pintura, desenho, fotografia e escultura. Dois dos participantes apresentaram-se com obras da sua colecção particular e os restantes com obras realizadas em 14 instituições de actividades ocupacionais ou de cuidados clínicos localizadas em diversos pontos do território português, da Madeira ao Minho e do Minho ao Algarve, o que assegurou à exposição o carácter verdadeiramente nacional.

Iniciativa inédita no nosso País, a *I.^a Exposição Nacional de Arte Espontânea* teve o apoio do Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social da UC, da Empresa de Turismo de Coimbra,

da Companhia de Transportes Aéreos Portugueses (TAP) e da ReCriar Caminhos, Associação de Apoio ao Desenvolvimento Vocacional, Formação e Inclusão de Pessoas com Esquizofrenia.

Ao valor estético das obras expostas juntou-se o valor humano e cultural do reconhecimento e valorização das pessoas que as criaram e que aceitaram participar numa realização de inclusão social de dimensão inovadora em Portugal.

‘Arte pura’, ‘Arte bruta’, ‘Arte do Inconsciente’ ou ‘Arte espontânea’?

As pessoas que se confrontam com problemas de saúde mental manifestam, em número considerável, talento, aptidões e gosto pela realização de trabalhos no campo genérico das “artes” (pintura, escultura, fotografia, música e poesia). No caso da presente Mostra, um número significativo dos trabalhos expostos alcança níveis apreciáveis de qualidade estética. Uns mais do que outros, sem dúvida. Mas a qualidade estética revelada deve ser tanto mais reconhecida e apreciada quanto é certo que a maioria desses trabalhos foram realizados no âmbito de actividades de terapia ocupacional e de reabilitação, sem que a forma da expressão de emoções, sentimentos e vivências muito pessoais obedecesse a códigos ou a normas estéticas aprendidas em escolas de formação artística ou em convívio com Mestres conceituados.

Por ausência de ‘oficina’ ou de ‘cânones técnicos de escola’ têm sido atribuídas designações muito diversas aos trabalhos realizados em condições similares: ‘arte bruta’, na designação do pintor Jean Dubuffet, ‘arte de imagens do inconsciente’, na designação de Nise da Silveira, ‘arte pura’ ou ‘pura arte’, na designação de Jesús de la Gândara e Mons Revilla.

Estando ainda longe de se chegar a consenso, optou-se aqui pela designação de “Arte espontânea”, pretendendo com ela sublinhar a característica comum de constituírem expressões de emoções, sentimentos e vivências pessoais que utilizam técnicas de produção libertas de artifícios, de modas ou de constrangimentos académicos, emergindo de um ‘potencial espontâneo de criatividade’.

Criação artística e Saúde Mental

Têm sido atribuídos aos artistas, sobretudo aos que atingem o limiar do génio ou aos que ousam introduzir grandes inovações, traços de personalidade próximos dos que apresentam as pessoas com doenças mentais. De um modo geral, os artistas são considerados diferentes das pessoas comuns ou das pessoas consideradas normais pelas subtilezas da sua sensibilidade, pelo modo especial como vêem o mundo ou pela riqueza inquietante da sua imaginação criadora. A diferença sempre causou estranheza e os artistas são vistos como pessoas algo estranhas, próximas dos ‘génios’ ou das pessoas com ‘doenças mentais’, que uma terminologia em desuso apelidava de ‘loucos’.

Por outro lado, são conhecidos os casos de grandes criadores em diversas modalidades de expressão artística que sofreram de perturbações psicológicas graves, e cujas obras têm a ‘marca’ da patologia que os atingiu. Basta lembrar Schumann na música, Antero de Quental e Mário de Sá-Carneiro na literatura, e Van Gogh na pintura. Entre a predisposição para a criação artística e a predisposição para certas formas de doença mental, alguma ‘zona de proximidade’ ou de ‘confluência’ é suposto existir, embora seja ainda insuficientemente esclarecida. É verosímil que, envolta no fundo labiríntico das emoções, a busca de uma modalidade de expressão comunicativa gere nalguns artistas uma tensão emocional dificilmente regulável pela Razão.

‘Transforma a tua Dor num Poema’ é um aforismo e conselho muito conhecido que Goethe, um dos expoentes máximos da poesia romântica alemã, deu aos candidatos a poetas, considerando, deste modo, que a dor ou o sofrimento psíquico podem constituir fonte de criação artística por intermédio de um processo de transformação de um feixe de emoções negativas numa produção que simbolicamente as transmude numa nova configuração de emoções positivas. Configuração de emoções positivas que é apreciada não apenas pelo autor, mas também por quem ouve ou observa a nova obra de arte. O processo de criação artística terá por via desta elaboração simbólica um poder reparador, uma força regeneradora ou uma capacidade curativa. A elaboração simbólica das emoções cons-

titui o ‘processo – chave’ pelo qual a Razão as ilumina, dando-lhes um outro sentido e permitindo, assim, um distanciamento reparador e uma convivência mais salutar entre Emoções e Razão.

O poder de transformação da dor, do sofrimento psíquico, da tensão ou do conflito num estado de superação ou de libertação emocional, por intermédio da elaboração simbólica que toda a obra de arte, em maior ou menor grau, comporta, é próximo do processo psicológico que Aristóteles designou por *catarse*, referindo-se à ‘purificação’ emocional que é frequentemente testemunhada por quem assiste à representação das grandes tragédias gregas, as quais, na continuidade de certas narrativas míticas, se reportam às condições universais, agónicas e simultaneamente esperançosas da existência humana.

Eis a razão pela qual a Arte, radicando na fragilidade da condição humana e na necessidade da sua superação, constitui ‘sinal de insatisfação’ e simultaneamente ‘sinal de perfectibilidade’, desejo e vontade de aperfeiçoar defeitos e de transcender limitações. Factor de desenvolvimento cultural e pessoal, a Arte, na universalidade e nas singularidades pessoais das suas manifestações, convida-nos não apenas à contemplação ou admiração estética, mas sobretudo a uma vivência diferente das situações reais, lançando-nos um apelo emocional a uma reconversão do olhar, a uma alteração do modo de ver e de valorizar o Mundo, o Homem e a Vida. É por este apelo à mudança e à renovação da Vida que a Arte é cada vez mais indispensável ao desenvolvimento do Homem.